

A música como função de Expressão Emocional para pessoas com Paralisia Cerebral

Comunicação

Murilo Alves Ferraz
Universidade Estadual de Maringá
muriloalves.ferraz@gmail.com

Vânia Malagutti
Universidade Estadual de Maringá
vamsloth@uem.br

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída que teve como objetivo principal compreender os usos e as funções da música em uma Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial (EEBMEE) Albert Sabin localizada em Maringá, PR - uma instituição especializada em atendimentos de pessoas com Paralisia Cerebral (PC). O Mesmo foi dividido em três partes, onde inicialmente trago sucintas definições sobre PC, embasadas principalmente em Leite e Prado (2004) e Pereira (2018). Em seguida busco trazer a discussão sobre os usos e funções da música me fundamentando em Sekeff (2007). Por fim, como objetivo principal deste artigo, abordo a função de Expressão Emocional para pessoas com PC. Concluo então que essa função está presente na Escola e que os professores envolvidos na pesquisa reconhecem a importância dessa função para reconhecer e identificar as expressões emocionais dos alunos no que tange a manutenção das suas aulas no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Musical Especial. Paralisia Cerebral. Usos e funções da música.

Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída que teve como objetivo principal compreender os usos e as funções da música em uma Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial (EEBME) Albert Sabin localizada em Maringá, PR - uma instituição especializada em atendimentos de pessoas com Paralisia Cerebral (PC). A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o estudo de caso, no âmbito da pesquisa qualitativa, por meio de análise documental, entrevistas semiestruturadas e observações participantes.

Esta escola funciona no âmbito da Associação Norte Paranaense de Reabilitação (ANPR), uma instituição sem fins lucrativos, especializada no tratamento de pessoas com PC, deficiências cognitivo-motoras e múltiplas deficiências.

A equipe escolar conta com em média 45 professores, sendo eles regentes de classe, auxiliares, professores de educação física e artes. Todos têm licenciatura, em especial Pedagogia, além de Educação Física e Artes Visuais, como também especialização em Educação Especial e em atendimento especializado. A equipe ainda conta com duas pedagogas, uma diretora e uma diretora auxiliar. Além do corpo docente e administrativo, a escola dispõe de atendentes para auxiliar na limpeza e locomoção dos alunos, psicólogos, fonoaudiólogos, assistente social e fisioterapeutas, que são responsáveis pela qualidade de vida e atendimento terapêutico dos alunos e das famílias (PPP, 2019).

Ao mencionar Educação Especial refiro-me ao direcionamento de atendimento especializado a estudantes que necessitem desse acompanhamento dentro do contexto escolar. Isto é, para alunos que apresentam algum tipo de dificuldade ou deficiência, podendo ser cognitiva, física, motora, visual, auditiva, dentre outras.

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2014, p. 11).

Ainda corroborando com a citação supracitada encontramos o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015, p. 19) traz como premissa, em relação à educação:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, p. 19).

Portanto, por meio de diversas ações e programas governamentais, a consciência mundial sobre as pessoas com deficiência está em constante desenvolvimento.

Este artigo foi dividido em três partes, onde inicialmente trago sucintas definições sobre PC, em seguida me fundamento em Sekeff (2007) a fim me referenciar teoricamente acerca do tema e por fim como objetivo principal deste artigo que consiste na música como função de Expressão Emocional para pessoas com PC.

Definições sobre Paralisia Cerebral

A deficiência física, em tese, é aparentemente fácil de ser reconhecida, mas o motivo de sua existência e o grau de seu comprometimento apenas são diagnosticados com intervenções médicas. O termo reporta-se às lesões ocasionadas nos centros e nas vias nervosas que comandam os músculos e que podem ser causadas por infecções, em qualquer fase da vida.

No contexto escolar, entretanto, a deficiência física mais comum é a PC, que, de acordo com Leite e Prado (2004), é causada pela falta de oxigênio no cérebro. Essa deficiência causa disfunção motora, comprometendo a coordenação motora, a fala e, em muitos casos, impedindo a locomoção, além de múltiplas deficiências.

A paralisia cerebral (PC) é caracterizada por uma alteração dos movimentos controlados ou posturais dos pacientes, aparecendo cedo, sendo secundária a uma lesão, danificação ou disfunção do sistema nervoso central (SNC) e não é reconhecido como resultado de uma doença cerebral progressiva ou degenerativa. O evento lesivo pode ocorrer no período pré, peri ou pós-natal (LEITE; PRADO, 2004, p. 41).

Sobre a PC, Pereira (2018) complementa que consiste em

Uma lesão permanente e não progressiva do sistema nervoso em desenvolvimento que afeta o tônus, os reflexos e as posturas, comprometendo o desenvolvimento motor do indivíduo. É um diagnóstico que abrange síndromes clínicas muito diversas em tipo, gravidade de comprometimento funcional, além de uma variedade de comorbidades clínicas e neurológicas (PEREIRA, 2018, p. 1).

As causas da PC, de acordo com Pereira (2018) são diversas, pois “múltiplos fatores potencializam o dano cerebral”. Dentre eles estão “a saúde da mãe, a exposição a agentes tóxicos e infecciosos, as condições de viabilidade e nutrição do bebê, as condições de parto e a ocorrência de eventos hipóxicos ou traumáticos no período perinatal”.

Ainda baseado em documentos oficiais, trago uma definição mais completa sobre os períodos em que a PC pode ser desenvolvida:

No período pré-natal encontram-se os defeitos genéticos, anormalidades cromossômicas que podem produzir anormalidades estruturais no cérebro e no esqueleto; erros de metabolismo, infecções maternas (como rubéola, toxoplasmose ou sífilis), anóxia intra-uterina (causada pelo estrangulamento pelo cordão umbilical ou por anemia da mãe, toxemia da gravidez) e intoxicações (incompatibilidade de RH, exposição a radiação tóxica). Na fase peri-natal, encontram-se principalmente os traumatismos (uso incorreto de fórceps, parto rápido ou lento demais). Na fase pós-natal, são vários os fatores encontrados: anóxia cerebral, infecções (encefalite, meningite), intoxicações (medicamentosa, anestésica, de radiações), que podem resultar em dano cerebral. Considerando que as células nervosas não se regeneram, uma vez danificadas assim permanecem. Entretanto, a tendência também é a de não ocorrer a piora do seu desempenho. Já no que se refere aos movimentos, a postura corporal e os problemas a eles relacionados podem melhorar ou piorar, dependendo da forma como cuidamos da criança e também da extensão da lesão no cérebro. Isto significa que, quanto mais cedo for iniciado um tratamento, mais melhoras poderão ser conseguidas ao longo dos anos (BRASIL, 2006, p. 20).

A PC implica diretamente em algum comprometimento, seja cognitivo ou motor, resultando em alguma deficiência intelectual ou física. Comumente, a deficiência física está associada a outras deficiências, e não somente a física, ou seja, qualquer indivíduo que possua mais de uma deficiência pode se enquadrar na situação de múltiplas deficiências.

Usos e funções da música no campo da Educação para Sekeff

A música é repertoriada partindo de um contexto social, cultural e ideológico, fundamentada em teorias, princípios e leis que legitimam sua identidade como estilo, forma e gênero, sendo sustentada por uma sintaxe semântica que corrobora com sua legitimidade.

Desse modo, as relações sonoras proporcionadas pela música possuem uma lógica intelectual e um significado psicológico que determinam ou deveriam determinar um efeito direto e objetivo para quem a está ouvindo (SEKEFF, 2007).

A música impacta o comportamento, suas possibilidades de disposição se afiguram também amplas, alcançando um ilimitado número de pessoas, enquanto as possibilidades de diversificação de suas atividades tornam possível a satisfação de necessidades individuais.

“Uma das funções da música no campo da educação é estimular, criar necessidades, mobilizar, satisfazer, facultar condições para o desenvolvimento do educando (SEKEFF, 2007, p. 106)”.

Assim o exercício da música favorece o desenvolvimento perceptual, emocional, social e mental do educando, desde que o educador tenha conhecimento dos recursos que a música oferece e faça seu devido uso (SEKEFF, 2007).

Sekeff (2007) acredita que somos um ser integrado e que vivemos em um universo cultural, que compreende múltiplos valores e visões diferenciadas do ser humano. Isso posto, tem-se em conta que a música não só fornece condições para a compreensão de um certo fluxo de ideias e emoções, mas contribui em processos educativos, uma vez que "possibilita ao educando estruturar valores, dentro dos inúmeros expostos e propostos no universo cultural, possibilitando-lhe atribuir significação, ao mesmo tempo que estabelece um sentido para sua existência" (SEKEFF, 2007, p. 129).

Sekeff (2007), em sua experiência como musicista, educadora e pesquisadora, conclui que a música é uma ferramenta auxiliar do processo educacional escolar, e que se estende para além dos muros da escola, por meio dos seus interesses linguísticos e técnicos, partindo da voz, da apreciação e escuta, de livros, dos meios de comunicação e das próprias relações emocionais, hierárquicas e sociais.

No viés educacional, a música se caracteriza por quatro funções características: cognitiva, reflexiva, extensiva e expressiva. A função cognitiva tem por premissa permitir ao educando o conhecimento de seus sentimentos de forma direta, total, global garantindo-lhe a possibilidade de contemplá-los e entendê-los sem a mediação de conceitos; de exprimi-los em formas simbólicas e de captar “os meandros dos sentimentos da comunidade humana (SEKEFF, 2007, p. 139).

A função reflexiva amplia a compreensão do mundo. E aí observo que a percepção estética tem muito que ver a chamada percepção sincrética, apreensão do discurso como um

todo, percepção global das formas expressivas. Já a função extensiva diz respeito ao fato de a linguagem musical favorecer o acesso dos sentimentos a situações distantes de nosso cotidiano, forjando em nós as bases para que se possa compreendê-los. E a expressiva salienta o caráter de metáfora epistemológica, remetendo sempre a determinada cultura, época, ideologia (SEKEFF, 2007, p. 139).

Desse modo, essas funções, combinadas ou isoladas, podem se caracterizar como possibilidades educacionais. Com isso se estimulam diferentes modos de construção de possíveis currículos tanto de primeiro quanto de segundo grau, sendo uma forma de propiciar conhecimento e cidadania.

Função de Expressão Emocional

Era nítida a felicidade dos alunos quando estavam tocando os instrumentos. Eles demonstravam euforia e risos ao ouvir o som que estavam produzindo ao tocar! (Relatório de observação da aula da professora Néia).

Durante todo o período de observações das aulas da escola, foi possível observar diversos momentos em que a expressão emocional foi desencadeada ou potencializada. A expressão emocional é tomada aqui como a resposta de um estímulo que tem uma curta duração de tempo. Corroborando com meu pensamento, Barbosa et. al (2021, p. 271) diz que: “a emoção é definida pelo seu aspecto orgânico e por sua curta duração, enquanto sentimentos estão ligados ao componente representacional, com maior tempo”.

Como educador e pesquisador, consigo observar essa resposta ao estímulo por detalhes singelos, um pequeno sorriso, um olhar, um espanto, um piscar de olhos ou até mesmo um levantar de sobrancelhas. Traços esses que são muito comuns em alunos com PC, que por mais que não seja especificamente abordada a questão sobre pessoas com PC, Sekeff (2007) traz em sua literatura os estímulos que a música é capaz de proporcionar ao indivíduo.

Parafraseando Sekeff (2007) essa função é fácil de ser compreendida, pois a música exerce ação psicofisiológica, em que promove reações sensoriais, ou seja, as movimentações e expressões faciais que os alunos fazem, demonstrando diversas emoções, que ficam evidentes no processo das observações em sala de aula por mim feitas.

No contexto educacional, Hummes (2014) defende a função emocional como:

(...) uma expressão da liberação dos sentimentos, liberação das idéias reveladas ou não reveladas na fala das pessoas. É como se fosse uma forma

de desabafo de emoções através da música. Uma importante função da música, então, é a oportunidade que ela dá para uma variedade de expressões emocionais – o descargo de pensamentos e idéias, a oportunidade de alívio e, talvez, a resolução de conflitos, bem como a manifestação da criatividade e a expressão das hostilidades (HUMMES, p. 18, 2014).

Em uma das observações feitas com a turma da professora Sirça, ela estava realizando uma atividade que consistia em mostrar para os alunos um teclado infantil, que possuía além dos sons de piano, botões específicos que imitavam os sons de alguns animais.

Os alunos apresentaram reações por olhares ou expressões faciais como espanto ou felicidade ao ouvirem tanto os sons das notas musicais quanto os sons dos animais (Relatório de observação da professora Sirça).

As notas musicais do teclado ou mesmo um som isolado (sons dos animais, por exemplo) desperta expressões emocionais nos alunos que as ouvem. Essas expressões também foram percebidas na aula da professora Néia, que iniciou a aula cantando uma música “Boa tarde” inserindo o nome dos alunos: “Boa tarde Laura, como vai? Boa Tarde! Boa tarde Laura, como vai? Boa Tarde! Faremos o possível para sermos bons amigos, boa tarde Laura, como vai? Boa tarde!” Desse modo:

Percebi que a alegria dos alunos ao ouvir a professora cantando a música com seus nomes. Alguns ficavam bem empolgados, sentindo-se, certamente, visto pela professora e pertencente à turma (Relatório de observação da professora Néia).

Lima *et. al* (2018, p. 2) salientam que “a música em si, é motivadora de uma forma, que independente de qual situação estamos, desperta algum sentimento; se estamos tristes, ela está presente, ou quando estamos em êxtase, também”. Outros trabalhos já elencados aqui nessa pesquisa também abordam esta função, como o de Sanchotene (2006), que afirma que em sua pesquisa “as professoras responderam que a expressão das emoções é a mais importante, sempre trazendo sentimentos como exemplos (SANCHOTENE, 2006, p. 64).

Outro momento em que esta função ficou latente, na Albert Sabin, foi em uma das aulas da professora Suzi, em uma atividade de exploração sonora usando colheres de pau e panelas. Eram panelas de três tamanhos, duas colheres, uma colher de pau e uma de metal. A proposta da atividade era tocar as panelas com todas as possibilidades de colheres, essas diferentes sonoridades seriam apresentadas aluno por aluno.

Inicialmente quando entrei na aula tinha apenas um aluno, o mesmo era bastante comprometido fisicamente, ele sequer conseguia ficar sentado no tatame, a professora iniciou a atividade tocando as panelas com as colheres

e ouvindo sons que a professora ia proporcionando, o aluno ficava alegre e sorria (Relatório de observação da professora Suzi).

Nessa cena, devido suas limitações, o aluno provavelmente não teria tal expertise para diferenciar os diferentes timbres que a professora estava produzindo ao tocar diferentes tamanhos de painéis com colheres de pau e de metal, mas, sem dúvida, o contexto da atividade, o reconhecimento de objetos cotidianos e a condução da professora, conduzia o aluno a um estado de bem estar. Ele curti a atividade.

Panacioni (2010) entende que a expressão emocional através da música engloba, para além das estruturas musicais, as relações que o ouvinte cria com a música, o que por sua vez, abrange representações da música no contexto cultural e social que o indivíduo está inserido, além das experiências individuais e singulares dos mesmos.

Em outra ocasião, também em uma aula da professora Suzi com a mesma turma. A atividade tinha como objetivo a exploração de diversos brinquedos e blocos grandes de montar. Os alunos estavam espalhados na sala, deitados num tatame. Dentre as peças para serem exploradas havia uma joaninha de plástico que, ao apertar os botões do seu casco emitia uns sons.

É muito interessante ver de como o som causa um certo tipo de atenção nos alunos [...] nesse caso, era apenas o brinquedo de plástico, e mesmo assim quando os alunos os escutam eles expressam espanto ou surpresa ou alegria. Suas expressões se alteravam os sons do brinquedo (Relatório de observação da professora Suzi).

Esse tipo de situação também se faz evidente nas pesquisas de Sekeff (2007), a música exerce ação psicofisiológica no indivíduo, desenvolvendo sentimentos e emoções de modo que os mesmos possam ser expressados em seu meio.

E para além das aulas desenvolvidas pelas professoras regentes, as aulas de artes da escola também oferecia momentos com música. Um exemplo foi na semana da consciência negra, quando as professoras de artes para organizar uma programação. O foco principal da atividade foi trabalhar especificamente com a conscientização da cultura negra, identificando artistas, e estilos musicais provenientes dessa cultura.

A professora de arte da manhã já estava fazendo [atividades] referente a cultura afro... tudo em desenho, pintura, essas coisas. Aí, nós da tarde queríamos fazer algo diferente, aí a gente pensou na música, aí nós trouxemos principalmente o samba, relacionada a cultura africana, aí eu pesquisei os instrumentos mais ou menos, aí os principais eram a... o... afoxé, agogô,

atabaque e o berimbau. O berimbau não tinha, mais aí nós fizemos os outros instrumentos. Aí a gente queria transformar isso em foto né, aí nós montamos uma estante com os instrumentos que tinham disponíveis na sala de música, colocamos os alunos pra tirar foto. Também relacionada a esse tema nós construímos um chocalho. Nós trouxemos garrafa pet, colocamos feijão preto e miçangas também e milho de pipoca e decoramos eles com durex colorido (Professora Tássia, de Artes).

Detalhando mais seu relato, professora Tássia compartilhou que

Até quem não gostava muito de pegar muito nos instrumentos, com o chocalho, eles se interessaram, por estar decorado e também, como nós usamos feijão preto, daí acho que chamou atenção, a cor, o som, e através disso eles chacoalhavam bastante, tocaram bastante. Foi gostoso essa vivência deles assim, eles gostaram de apreciar a música que é o samba que a gente colocou pra eles ouvirem na sala, foi bem... bastante vivência assim pra eles, daí a gente tentou montar o estúdio como se fosse uma roda de samba mesmo (Professora Tássia de Artes).

Para muitos alunos, o movimento de segurar um instrumento exige um grande esforço. O fato de desejarem pegar e movimentar um chocalho é um episódio digno de registro e celebração. O relato da professora, detalhando as características do chocalho e o cuidado com os materiais usados, indicam sua responsabilidade para com o desenvolvimento do aluno. O fato de que “até quem não gostava muito de pegar muito nos instrumentos, com o chocalho, eles se interessaram”, mostra que quanto mais coloridos e sonoros forem os materiais, mais atraentes eles são para os alunos.

Nesta atividade o ponto mais alto está no despertar do interesse de alunos mais passivos em desejarem pegar e tocar o instrumento. Mobilizar um aluno comprometido a ter uma iniciativa que lhe exige um grande esforço já é um indicador que a atividade proposta foi um sucesso. Aqui a sonoridade do instrumento, associada às demais características, moveu o aluno a ter vontade e a expressá-la. Ouve, portanto, um despertar, que via de regra ocorre quando há mobilização emocional.

Desse modo a música integra características que “originam diferentes configurações, dando origem a diferentes sons, ou seja, a mesma componente musical pode ser empregue de formas diferentes, proporcionando diversidade na expressão de emoções” (SIMÕES, 2012, p. 17).

Em uma das aulas observadas da professora lara, em que a proposta era a estimulação sensorial e verbal através da canção, a professora fez uma aranha com papel cartão e colou na parede um solzinho e uma nuvenzinha de EVA. Com estes materiais, enquanto ela cantava a

música “Dona Aranha”, ia dramatizando-a, fazendo os movimentos pela parede: “A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou, já passou a chuva o sol já vem subindo e a dona aranha continua a subir, ela é teimosa e desobediente, sobe, sobe, sobe e nunca está contente”.

O ponto que me chamou atenção na atividade foi o fato de que na turma havia uma aluna bastante comprometida pela PC e também diagnosticada com autismo. Esta aluna tem uma sensibilidade muito aguçada aos sons, de modo que eles a incomodam profundamente. No decorrer da atividade a aluna começou a chorar muito, relativizando a afirmativa de que música acalma. Nesta cena, uma atividade em que muitos alunos estavam envolvidos, sorrindo e se concentrando, a referida aluna estava ficando mais agitada, incomodada e chorando.

Mas o que chama atenção da aluna em específico é que mostra que nem sempre a música tem esse “poder” de acalmar, de tranquilizar, de chamar atenção, algumas vezes a música pode contribuir para o estresse do aluno que é o caso dessa aluna Samira. Neste caso, os sons incomodam as percepções sensoriais da aluna, deixando-a totalmente desconfortável (Relatório de observação da professora Iara).

Ao pensarmos em sentimentos e expressão emocional, automaticamente nos remetemos a emoções e sentimentos como a alegria, a tranquilidade, a calma, o relaxamento, mas em alguns casos, pode ocorrer o contrário. Sim a música pode provocar incômodos como dores, angústias, agonias, desesperos.

Diante disso, a professora optou por sair da sala com a aluna para tentar acalmá-la e fiquei com os alunos desenvolvendo a atividade. Entendo que a falta de uma possível formação em Educação Musical Especial da professora inviabilizou alguma adaptação na atividade para que pudesse contemplar aquela aluna, como também a deste pesquisador, o que mostra que estamos em constante aprendizado.

Nesse sentido, entendo que Sekeff (2007) também evidencia esse tipo de caso, no intuito de que a música proporciona reações psicofisiológicas e fisiopsicológicas, e em ambos os casos a autora não remete a música apenas a situações de alegria e bons momentos, e sim abrange os sentimentos de modo geral.

Considerações finais

Concluo então que, respeitar os limites do aluno é muito importante. Para que sentimentos negativos não sejam acionados ao ouvir-se uma sonoridade musical. A música

pode se apresentar para o ouvinte de diversas formas e o mesmo vai compreender aquilo a partir da sua individualidade o que, ao ouvir determinado som, irá remetê-lo a uma emoção boa ou ruim:

Com isso, a música tem a capacidade de modificar o estado psíquico e físico da pessoa, transformando o seu mundo, dando novos sentido e significados ao que está em seu redor, seu impacto transcende o indivíduo em si, modificando suas percepções do mundo e de si próprio. Por outro lado, o mundo pode se apresentar de diferentes formas para o ouvinte, podendo perceber nele vários estados emocionais (NOGUEIRA, 2012, p. 5).

Nogueira (2012) completa que sujeitos tendem a se emocionar ao esbarrar em um objeto sonoro que o perturba, este “objeto de emoção”, apresenta ao sujeito um contraste com o ambiente. Os sujeitos estão acostumados a ver o mundo de uma forma determinística, então quando se trata de contar um novo objeto, dominá-lo, ajudá-lo e, muitas vezes, é uma árdua tarefa (NOGUEIRA, 2012).

Para além das atividades elaboradas pelas professoras regentes de classe, a professora Tássia, de artes, em entrevista, também evidenciou a presença dessa função no decorrer de suas atividades com música.

Dentro das observações feitas, foi possível perceber que nem sempre a música tem a função de proporcionar o que, talvez consideremos com bons momentos dentro da Educação Especial, cada aluno é único e os estímulos que lhe são proporcionados podem gerar emoções consideradas por muitos como ruins. Uma aluna, em específico, se incomodava ao ouvir sons de instrumentos musicais e músicas. A sensibilidade auditiva da aula gerava incômodo que a fazia chorar e se descompensar emocionalmente. Neste caso, em particular, talvez coubesse um estudo maior sobre os impactos sonoros na aluna, bem como estratégias que contribuíssem para o conforto da aluna.

As falas das professoras Lara e Suzi indicaram que em suas aulas nos momentos das atividades com música os alunos demonstraram emoções decorrentes do que estavam ouvindo. Eles se expressavam por meio de um sorriso, do espanto, de um levantar de olhos, e até mesmo um choro. Cada aluno se expressava singularmente.

Portanto, a partir das coletas de dados que foram realizadas no período da pesquisa e conseqüentemente a análise após dela, ficou evidente que a música, através de seu uso, tem função de Expressão Emocional dentro do contexto da Escola Albet Sabin.

Referências

BARBOSA, Carla Ramirez Albuquerque; SANTOS, Soraya Vieira; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino. A concepção de emoção nos programas de educação socioemocional. *Momento-Diálogos em Educação*, v. 30, n. 01, 2021, p. 267-283.

BRASIL. Presidência da República. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2014.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, v. 12, n. 11, 2014, p. 17-25

LEITE, J. M. R. S.; PRADO, G. F. do. Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos. *Revista Neurociências*, v. 12, n. 1, 2004, p. 41-45.

LIMA, Wenderson Santos; SANTANA, Leandro Sipriano; MARX, Barbara Salla. Subjetividade e emoção na música: a cultura e o afeto relacional. *Revista Ideologando*, v. 2, n. 1, 2018, p. 206-220.

NOGUEIRA, M. O viés emocional da expressão musical. *Revista Música Hodie*, v. 11, n. 1, 2012, p. 43-65.

PANACIONI, Graziela França Alves. Expressão emocional e representações simbólicas através da música: uma contribuição para a musicoterapia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 10, *Anais [...]*, 2010, p. 74-82.

PEREIRA, Heloisa Viscaino. Paralisia cerebral. *Rev. Resid. Pediatr*, v. 8, n. 1, 2018, p. 49-55.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual na Modalidade de Educação Especial Albert Sabin, Maringá – PR, 2019.

SANCHOTENE, Angela Beatriz Crivellaro. *Funções da música no ensino fundamental: um olhar sobre cinco escolas estaduais de Porto Alegre/RS*. 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

SIMÕES, Ana Rita Chichorro. *As Emoções ao compasso da música: um olhar sobre a influência da música na resposta emocional*. 2012. 55 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.